IN MEMORIAM

O Dono do Trovão
Manoel Nunes Pereira (1893-1985)

MARIZA CORRÊA

Ele desceu por último do avião, apoiado numa aeromoça e numa bengala, na véspera da entrevista, e, ao vê-lo tão trôpego, duvidei de nosso convite: estava certo tirá-lo de casa para ouvir o seu testemunho sobre a história da antropologia? A mesma ponta de remorso me perseguiu ao deixá-lo no hotel, tão frágil naquele mundo tão impessoal. Imediatamente ao chegar, ele dissipou as dúvidas quanto ao seu ânimo, contando o romance com uma alemã e falando do filho que vive em Stuttgart, de como fez amizade com as onças da Amazônia, caçando carne de macaco para elas e perguntando se era seguro caminhar à noite pelo centro da cidade — "vocês sabem, as mulheres são muito exigentes, eu não tenho mais idade..."

Na entrevista, gravada pela manhã no hotel, ele relembrou o seu Maranhão, mãe Andresa Maria (a testemunha contra o sincretismo: "Santo negro é Santo negro") da casa das minas onde sua mãe, Felicidade Nunes Pereira, teria chegado a ser *nochê*, se não fosse levada pela gripe espanhola de 1918. No mesmo ano em que ele casou com Maria e entrou, por concurso, no Ministério da Agricultura, como técnico ("Não havia universidade naquela época e eu já era universitário. Sou um autodidata, como Sócrates e Platão.") e onde trabalhou a vida toda. Sua mãe o entregara a Badé, o "dono do trovão" (santo militar, "podem crer que eu não gosto", e que também usava bengala) e sua trajetória pessoal foi semelhante à percorrida pelas religiões de origem africana que migraram do Maranhão para o Pará. Em Belém, aos cinco anos, ele perdeu seu pai (sapateiro, "e fazia sapatos muito lindos para mim, ainda hoje me lembro, sapatos de cano alto, assim muito lindo, muito enfeitado.")

e a *noviche* do bairro de São Pantaleão virou costureira de uns parentes abastados. Eles o 'perfilharam" e o mandaram estudar no Colégio Inglês-Alemão, em Petrópolis, depois no Salesiano, de Niterói e, mais tarde, no Ginásio Paes de Carvalho, de volta a Belém. Um tio desembargador, marido de outra *noviche*, a tia Ida Alves Barradas, achou que ele era muito boêmio para seguir a carreira de direito, que queria e, voltando ao Rio, Nunes Pereira se tornou aluno da primeira escola (nunca fundada) de veterinária do país, de Alípio de Miranda Ribeiro, integrante, como outros a quem conheceu na época, da equipe de Rondon. Sobre este grupo, do qual fizeram parte também os irmãos Kuhlmann, Adolpho Ducke (botânicos), Eusébio de Oliveira (geólogo), além do antropólogo Roquette-Pinto, ele estava preparando um livro, quase pronto, que pretendia chamar de *Keterecô*, "aldeia queimada", lembrança de homens — embora pelo menos uma mulher, Heloísa Alberto Torres, fizesse parte daqueles que pretendia evocar em suas lembranças.

Depois do almoço, em que contou a Eleonore como tinha sido viciado em cocaína e em Margot (que "me amargou") e de como se "livrara dela e do vício", trocou o terno cinza com colete e gravata por uma calça e jaqueta claras e uma camisa floreada e, com uma pequena sesta, estava pronto para outra. Mulher era seu assunto predileto, falava mal das cariocas "sem pudor", comparando-as com as índias que escondem o sexo ao sentar e contava anedotas implublicáveis a respeito das índias que ele tinha 'beneficiado' no decorrer das pesquisas. Volta e meia agradecia ou fazia qualquer comentário em francês. Recontou, várias vezes, a história da morte de Nimuendaju, que teria sido envenenado ao não voltar para honrar o compromisso com uma índia, por ter estado preso durante a guerra. História antiga, já a vinha contando, pelo menos, desde 1947, conforme o registra Métraux nos *Itinéraires*. Fala muito, também, de um suposto diário erótico de Nimuendaju e conta que ele mesmo mantinha um, cuja publicação, pela Civilização Brasileira, estava acertada para depois de sua morte.

À tarde, em seu depoimento, repete várias das histórias entrecortadas da manhã — como tinha tido a coragem de apertar a mão de Ermanno Stradelli, leproso, e como ele e Geraldo Pinheiro lhe tinham dado sepultura, "do outro lado do Rio Negro", de como conhecera Nimuendaju e de como este recusara dar aula de uma cátedra em Belém, preferindo sentar com seus ouvintes sobre uma esteira, ou de como seguira várias trilhas percorridas antes por Koch-Grünberg. Três mortos da Amazônia, terra de suas paixões e da qual

fala sem descanso, num diálogo difícil em que boa parte das respostas não faz parte do nosso repertório de perguntas. Seus amigos de Belém, Manaus, Natal, até do Rio Grande do Sul, onde recebeu o apelido de doutor "tira-tira", graças à expressão que usava para apartar o gado doente, a sua prisão por ter visitado Jorge Amado na hora errada, o filme do qual participou *(The end of the river)*.

Mais tarde, tomando uma caipirinha, ensina ao garçon a maneira correta de cortar um limão para obter mais sumo dele, gesto que repete no almoço do dia seguinte. Visitando a fazenda experimental da universidade, um engenheiro agrônomo, descendente de Alexandre Rodrigues Ferreira, tenta convencê-lo de que pode acompanhá-lo na próxima viagem que pretende fazer à Amazônia, para recuperar parte de uma história antiga ("Mas eu sempre trabalhei sozinho. Com Deus e comigo mesmo.").

Corrige uma ficha sua na biblioteca ("Altamirando" Nunes Pereira — consta lá até hoje), pede um mapa da universidade, fala muito dos filmes que tem em casa, e promete mostrá-los a Peter Fry, a quem admira, e dos que perdeu ao longo de sua vida aventurosa.

Faz planos para nos vender sua quinta biblioteca (a primeira foi vendida ao Instituto de Pesquisas da Amazônia, as outras, perdeu de vista em suas andanças), desde que lhe reservemos um cantinho nela, como o que tinha na do Museu Nacional desde que Roquette-Pinto o levou lá. Pretende ir, também, à África antes de morrer e pede muitas informações a Manuela, contando que deveria ter ido com Arthur Ramos, quando ele voltasse de Paris, em 1954.

Encanta-se com o sítio onde dorme a última noite da visita e fala sem parar: de sua esposa, morta há poucos anos, da namorada nova que o fez mudar-se de Santa Tereza, dos netos, da dieta de peixe que seguia, da idade ("Coisa terrível é a velhice. Mas eu tenho as minhas mandingas, os meus santos. E tem as minhas cachacinhas."), de visitar Câmara Cascudo de quem era muito amigo. Cita os autores franceses que levaram em conta seu trabalho (Roger Bastide, Lévi-Strauss), com uma ponta de mágoa por ser tão pouco conhecido dos brasileiros e uma grande felicidade em relação à vida que levara. E fala de um misterioso biógrafo italiano também. Só muito tarde, com o crepúsculo avançando, nos lembramos de fotos: era a última do rolo e talvez tenha sido a última dele. Antes de dormir, anota, aplicado, a referência do livro dos irmãos Campos sobre Souzandrade, que não conhecia, pega *Porcos com Asas*, logo se interessa e leva para ler na cama. Acorda muito cedo, Plínio o ajuda a vestir de novo o colete e o leva ao aeroporto: deixa uma velha

moedeira de metal trançado na casa. Fico com a sensação de que ainda lhe devemos algo, não sei bem o quê.

BIBLIOGRAFIA DE NUNES PEREIRA *

1940 Ensaio de Etnologia Amazônica (Sobre uma Peça Etnográfica dos Maués), *Cadernos de Terra, Imatura* (1), Belém.

1940 *Baíra e Suas 'Experiências' (Ensaio de Etnologia Amazônica)*. Porto de Oliveira e Cia., Belém; 2.ª ed. Imprensa Pública, Manaus, 1944.

1942 Um Naturalista Brasileiro na Amazônia (Barbosa Rodrigues), Imprensa Pública, Manaus

1943 Negros Escravos na Amazônia (Soure, Ilha do Marajó). X Congresso de Geografia e História. Rio de Janeiro.

1945 *O Peixe-boi da Amazônia*. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro.

1946 *Curt Nimuendaju — Síntese de uma Vida e de uma Obra*. Instituto Histórico do Amazonas e Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

1947 *A Casa das Minas (Contribuição ao Estudo das Sobrevivências Daomeanas no Maranhão)*, Publicações da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (1), Rio de Janeiro, Introdução de Arthur Ramos; 2.ª ed. Ed. Vozes, Petrópolis, 1979.

1947 *Introdução à Dramaturgia Indígena*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

S/D *O Índio — Esse Desconhecido*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

S/D *O Sahiré e o Marabaixo*. Empresa Gráfica Ouvidor, S.A., Rio de Janeiro.; 2.ª ed. 1967.

1951 *Histórias e Vocabulários dos Índios Uitoto*. Instituto de Antropologia e Sociologia do Pará (3), Belém.

1954 *Os Índios Maués*. Organização Simões, Rio de Janeiro.

1956 *A Ilha de Marajó (Estudo Econômico-social)*. Ministério de Agricultura, Rio de Janeiro.

1965 *Panorama da Alimentação Indígena*. Arquivos do Instituto de Antropologia do Rio Grande do Norte (2), Natal; 2.ª ed. Livraria S. José, Rio de Janeiro. 1974

1966 *Vocabulário da Língua Tukano*. Arquivos do Instituto de Antropologia do Rio Grande do Norte (2:1-2), Natal.

1967 *Moronguetá: Um Decameron Indígena*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro; 2.ª ed., 1980.

* As notas anteriores são uma reminiscência pessoal de Nunes Pereira, a quem lamento ter conhecido tão tarde, e de sua visita a Campinas em junho de 1984. O material completo de seu registro, parte do projeto "História da Antropologia no Brasil (1930-1960): Testemunhos", financiado pela FAPESP e pelo CNPq, está disponível a outros pesquisadores, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Esta bibliografia é também, provavelmente, incompleta. Nunes Pereira faleceu no Rio de Janeiro em janeiro de 1985 .